João do Rio e o mito do progresso

ANTONIO DIMAS é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (Literatura Brasileira) da FFLCH-USP.

A Profissão de Jacques Pedreira, de João do Río, Poços de Caldas-Rio-São Paulo, Instituto Moreira Salles - Fundação Casa de Ru Barbosa, Editora Scipione, 1992. Ainda está por aparecer um estudo meticuloso e recheado a respeito das profundas transformações sociais que buliram com o Rio de Janeiro e que foram provocadas pela abertura da avenida Central, a partir de março de 1904, durante o governo Rodrigues Alves. Enquanto sociólogos e antropólogos não se detêm no assunto, temos que nos contentar com depoimentos esparsos e soterrados, geralmente desencavados de crônicas, cartas, depoimentos, memórias e de romances menores do período.

Central naquela época, Rio Branco nos dias de hoje, a avenida representou muito mais que simples desafogo e atualização urbana, uma vez que sua construção deu oportunidade para que se manifestassem desejos contidos da sociedade. Cronistas como Bilac, que não só defendeu com ardor o projeto de reforma urbana, como estava entre os que a exigiam pelos jornais, sobrecarregaram-na de um sentido que ultrapassava o mero pragmatismo viário e sanitário. Para eles, a iniciativa do prefeito Pereira Passos, devidamente escorada pelo tesouro federal, era como uma lancetada que punha à mostra três séculos de morosidade administrativa e de política roceira. Com a abertura da avenida, criou-se o mito de que o mergulho no progresso era irreversível e de que, daquele momento em diante, estaríamos condenados às luzes da inteligência pública sistemática.

Retórica à parte, é o que insinua, por exemplo, uma das crônicas bilaquianas, publicadas na revista Kosmos, logo que se entregou ao público um dos primeiros trechos da avenida:

"Inaugurou-se a Avenida! Parece um sonho... Onde estás tu metido, Carrancismo ignóbil, que por tanto tempo nos oprimiste e desonraste? Em que furna lôbrega, em que socavão escuro te foste esconder envergonhado? Em vão te procurei, nestes últimos dias e nestas últimas noites de Novembro, pela radiante extensão da Avenida formosa: não vi, em parte alguma, o teu olhar sinistro em que a má vontade reluz perpétua, a tua boca franzida num eterno sorriso de sarcasmo, a tua fronte envergada numa perene contenção de birra e malevolência... Andas, com certeza, homiziado nos becos sujos, em que se mantém ainda a tradição do mau gosto e da imundície; afugentou-te a luz da Avenida, horrizou-te a alegria do povo, fulminou-te o despeito!" (Kosmos, nov./1905).

Folhear, ao acaso, jornais e revistas da época é uma forma de se saber das alterações sociais que vieram por acréscimo e que serviram para descomprimir os costumes da sociedade carioca, bem como prepará-la para o ingresso no século 20. Graças à avenida, os primeiros automóveis podiam trafegar em meio ao espanto geral; os cinematógrafos exibiam seus filmes trêmulos para platéias atônitas; devagar, as mulheres escapoliam de seus gineceus, mesmo contra a vontade de bigodes retorcidos e mal-humorados; desconfiados, os habitantes do subúrbio vinham espreitar a nova passarela mundana; aos poucos, as casimiras e lãs inglesas cediam seu lugar para linhos mais claros e algodões mais leves; pouco a pouco, os salões noturnos passavam a enfrentar a concorrência das calçadas diurnas e os teatros recolhiam freqüentadores que haviam passado seus fins de tarde em cafés. O dia ganhava, enfim, um público que, normalmente, só se desenfurnava à noite. Na aparência, modernizavam-se as relações sociais.

Anos depois, o próprio Bilac testemunha uma espécie de democratização da avenida que "nos domingos, à noite, pertence aos caixeiros e aos operários que tomam conta das

calçadas, dos botequins, das cervejarias, e dos cinematógrafos. E é ai que encontramos a operária carioca - ou velha, devastada pelo trabalho e pelos trabalhos que lhe deram os filhos - ou moça, casada ou solteira, em pleno viço da saúde - ou ainda menina, de saia curta e alma inocente, mas com as mãos já calejadas pelo trabalho duro" (Correio Paulistano, 20/03/1908).

É claro que nem tudo sorria, enquanto o Rio se civilizava, por fora.

Sob a poeira das desapropriações, desesperavam-se os ratos e insetos do casario sujo, agitavam-se os despejados dos cortiços imundos, agrupavam-se em reivindicações os prejudicados, moviam-se os especuladores, escancaravam-se os vorazes. A mesma poeira que crescia com a destruição da modorra fustigada por Bilac servia também para encobrir o imediatismo do projeto, o que não passou desapercebido de Sílvio Romero, cujo discurso de recepção a Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, em dezembro de 1906, denunciava:



"... não é de reformar pelas cimalhas que havemos mister.

Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios de Monroe, quando a mor parte da gente mora em estalagens e cortiços e as casas de pensão proliferam, e de ter avenida à beira-mar e teatros monumentais, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miséria é geral e quase todas as cidades e todas as vilas do Brasil são verdadeiras taperas; de ter cá a reunião do Congresso Pan-Americano, para dar-lhe, como ilustração, as trucidações do Mato Grosso e o assassinato de deputados e senadores, em pleno dia, nos desregramentos de uma política feroz!"(1).

Misturando-se a excitação do poeta com o azedume do crítico é possível talvez extrairse um denominador comum que, segundo nossas tradições políticas e sociais, não haveria de beneficiar necessariamente os que foram banidos do centro para a periferia. É de se supor que uma transformação tão funda como essa, ainda que rigorosamente localizada e limitada, deve ter alentado a burra de muito cidadão de aparência respeitável.

Se a história ainda não deu conta satisfatória dos desdobramentos dessa renovação, podemos recorrer à literatura que não nos desaponta. Com A Profissão de Jacques Pedrei-

REVISTAUSP 225

ra, romance de João do Rio, recém-recuperado pelo Instituto Moreira Salles e pela Casa de Rui Barbosa (2), ficamos sabendo um pouco do novo modus vivendi que se estabeleceu no Rio de Janeiro a partir da reurbanização encabeçada pelo prefeito Pereira Passos.

Jacques Pedreira é romance que esteve à beira do desaparecimento total, porque seu autor obteve autorização da Justiça para destruí-lo, pois que estava repleto de erros tipográficos. Desta edição de 1911, publicada pela Garnier, salvaram-se poucos exemplares, recolhidos pelo Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Além, é claro, de alguns capítulos que já haviam saído, no ano anterior, na Gazeta de Notícias.

Não se trata de um romance de valor estético incomum. Seu valor é mais histórico, na medida em que registra, junto com a farta produção cronística de João do Rio, aquele momento de alterações sociais significativas num Rio de Janeiro que se esforçava para abandonar o provincianismo herdado do 2º Reinado e que se emaranhava em novos preceitos éticos. A Profissão de Jacques Pedreira apanha um momento em mudança, em que valores antigos estão sendo questionados, quando não ridicularizados. Daí não ser estranho que, diante de tantas inversões, o romance cometa a sua e se coloque como uma espécie de Bilgungsroman às avessas.

Porque Jacques Pedreira, filho do advogado Justino Gomes Pedreira e de Madame Malvina Gomes Pedreira, é um jovem recém-formado em Direito e que anda em busca do que fazer, uma vez que seu título acadêmico é mero ornamento. Com ele na mão, Jacques tem que se decidir entre um emprego que lhe garanta uma renda mínima e os prazeres da sociedade frívola, que lhe acenam com automóveis recém-importados, negociatas do governo e mulheres desfrutáveis.

Jacques move-se num mundo de calculismo, de cinismo, de bajulação e de mentiras. Sua educação fora feita dentro dos princípios do mais absoluto tráfico de influências. Nessa sociedade retratada por João do Rio, não há lugar para idealizações das pessoas, dos governantes, nem mesmo do pecado. Tudo se passa como se fosse imperativo o desmascaramento contínuo. É cortante como o fingimento envolve a todos.

O favor substitui o mérito, a conveniência desloca o genuíno e o jeitinho arredonda as arestas.

Dentro dessa educação invertida, o pai de Jacques "não tinha tempo de fiscalizar a educação [do filho], mas pagava sem hesitar os melhores professores e arranjava a valer cartas de empenho no fim do ano. Era mesmo a época do ano, em que senhor de posição tão importante dava para reconhecer velhos amigos de rapaziada, que a sorte fixara em simples examinadores. Jacques, com conta aberta no alfaiate, no camiseiro, no sapateiro, julgava os professores também fornecedores de atestados, mas não era sem um certo sangue-frio superior que colava provas escritas e dizia inconseqüências nas provas orais" (p. 16). Nesse ambiente, o importante é alcançar fortuna rápida e cultivar o cenário. Por isso é que não se pode encarar como aleatória a escolha do automóvel como veículo simbólico que atravessa o romance de ponta a ponta. Seu exterior vistoso, sua velocidade, seu signo de modernidade, sua capacidade de esconder o condutor funcionam com perfeição para os desígnios daquela sociedade arrivista e afoita. Não espanta, portanto, que um empreiteiro de casas construídas para o governo carregasse consigo "esta divisa heróica: Esmago todo mundo e ninguém me vê" (p. 18).

Em meio a festas, bailes, quermesses, seduções, falcatruas, sibaritismo e autocomplacência, escorre uma sociedade fátua, cuja gula pelo prazer e pelo dinheiro ganhou velocidade com o alargamento das vias urbanas. "Com a abertura das avenidas", lembra um dos personagens deste romance de João do Rio, "os apetites, as ambições, os vícios jorraram. Já não há mais rapazes. Há homens que querem furiosamente enriquecer e esses homens são ao mesmo tempo pais e filhos. Faz-se uma sociedade e constituem-se capitais com violência. É uma mistura convulsionada, em que uns vindo do nada trabalham, exploram, roubam para conquistar com o dinheiro o primeiro lugar ou para pelas [sic] posições conquistar o dinheiro..." (p. 37).

A Profissão de Jacques Pedreira poderia ser um romance melhor, se seu autor também não tivesse sido atropelado pela pressa que deixa irromper alguns caroços estilísticos como, entre outros exemplos, o estranho "para pelas" da citação acima. Mas, por outro lado, não se pode negar que se trata de uma vistoria bem pouco favorável ao deslumbramento que a avenida provocou em cabeças ávidas de modernização, mesmo que superficial, episódica e restrita.

¹ Discursos Académicos, Filo de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1965, vol. I (1897-1919), pp. 257-8

² Estabelecimento do texto e notas por Rachel T Valença. Com "O Cronista & o Secreto. Amador" de Flora Sússekind. e "A Profissão do Proveito" de Baúl Antelo.